
As Rodas Culturais e a “Legalização” da Maconha no Rio de Janeiro

Marcos Veríssimo



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2682>

DOI: 10.4000/pontourbe.2682

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Marcos Veríssimo, « As Rodas Culturais e a “Legalização” da Maconha no Rio de Janeiro », *Ponto Urbe* [Online], 16 | 2015, posto online no dia 31 julho 2015, consultado o 02 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2682> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2682

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Maio 2019.

© NAU

As Rodas Culturais e a “Legalização” da Maconha no Rio de Janeiro

Marcos Veríssimo

NOTA DO AUTOR

Artigo originalmente apresentado em julho de 2014, no XI Congreso Argentino de Antropología, GT 77, intitulado “Antropología Política y Jurídica: etnografías de las burocracias estatales, los procesos de demanda de derechos y las políticas públicas en seguridad y justicia”. Naquela ocasião, pude contar com as observações pertinentes dos colegas Lenin Pires, María Pita, Flavia Medeiros e Glaucia Mouzinho, que com isso me ajudaram a chegar à versão final deste texto.

1. Considerações Iniciais

- 1 A primeira vez que eu ouvi falar da “Roda Cultural” foi no início do ano de 2013, durante uma aula para alunos do ensino médio em uma escola da rede pública estadual, na cidade de São Gonçalo (RJ). Era uma aula de filosofia, e em minha exposição eu falava da “*ágora*” grega do século VI a.C., e de seu papel neste momento das primeiras especulações da chamada filosofia ocidental (MARCONDES: 1998). O objetivo era tentar fazer com que os alunos pensassem nas consequências da existência de um espaço público e laico, morada da vida política, onde os cidadãos se colocavam em posição de igualdade (a despeito de a cidadania ali estar restrita aos homens adultos livres), onde podiam criticar uns aos outros dentro de determinadas regras, e colocar suas ideias em debate.
- 2 Falei também do consumo de bebidas alcoólicas (no caso, o vinho) que ocorria neste contexto. Em certo momento, no intuito de fazer uma provocação, perguntei se havia algum lugar na contemporaneidade, que eles conheciam, ao menos aproximadamente com as características da “*ágora*” da época de Tales de Mileto. Tinha em mente os botecoquins do Rio de Janeiro e sua periferia, predominantemente frequentados por

homens adultos, com regras muito próprias, consumo de bebidas alcoólicas e uma relativa igualdade entre os convivas destes espaços em comparação com outros espaços e situações (MACHADO DA SILVA: 1978).

- 3 Foi quando uma aluna, que prestava bastante atenção à aula, afirmou: “*Tem sim, professor. É a Roda Cultural.*”. Logo em seguida, um colega seu da turma corroborou: “*É mesmo! Só tem uma diferença: na Roda Cultural, tem a cerveja, mas também tem a maconha.*”. E outro aluno arrematou: “*É isso aí... lá a maconha é legalizada, professor!*”. A partir de então, naquele momento, os alunos começaram a me dar uma aula sobre as Rodas Culturais, ou Rodas de Rima, ou ainda Rodas de *Freestyle*. “*Aqui na praça tem uma*” – afirmou um aluno, e outros foram citando mais lugares onde havia uma Roda. O *hip-hop* é a referência musical e ideológica de tais empreendimentos, com a presença marcante de muitas letras de afiada crítica social.
- 4 O consumo de maconha, conforme disse o aluno, acontece abertamente em alguns destes lugares (em uns mais, em outros menos explicitamente). Quando coisas assim acontecem, costuma-se dizer entre os adeptos do consumo de maconha que tais lugares ou contextos são (ou estão) “legalizados”. Trata-se de situações em que tais práticas, embora proscritas pela lei e normalmente reprimidas pela polícia, passam a gozar de relativa tolerância, ensejando assim uma presunção de previsibilidade para o consumo da maconha, droga cujo aroma da fumaça dificulta bastante o seu consumo discreto.

Não se pode ou, pelo menos, não é recomendado, usar drogas de qualquer maneira, na frente dos outros. Isso é “*explanação*”. O risco não é só o de “*rodar*” para a polícia, mas também o de “*explanar*” para os vizinhos, os parentes, ou os colegas de trabalho. No primeiro caso, o perigo é a lei, ou as negociações acerca de sua aplicação; no segundo, o perigo é a fofoca. Geralmente, quando se protege de um lado, o outro fica descoberto: na rua, a polícia e as pessoas conhecidas; em casa, os parentes e os vizinhos. (POLICARPO: 2010, 157)
- 5 Sendo assim, aquela aula tomou um rumo bem diferente, e o que os meus alunos estavam querendo me dizer é que, nas Rodas Culturais, em geral, fumar maconha não era necessariamente uma “*explanação*” (uma exposição indevida), e o perigo de “*rodar*” para a polícia (ser levado para a delegacia ou castigado na rua) era relativamente reduzido. Isso é, em suma, “*legalizar*”, de acordo com o significado deste termo enquanto categoria nativa entre consumidores de maconha. As Rodas Culturais, por sua vez, ao se institucionalizarem, buscando (e muitas vezes conseguindo) apoio material e burocrático das prefeituras e secretarias de cultura dos lugares onde acontecem, muito por conta de serem declaradamente eventos “*culturais*”, tornam-se um interessante espaço de entretenimento que reúne algumas centenas de pessoas, para encontrarem outras pessoas. Alguns bebem cervejas, outros fumam maconha, outros tantos não consomem aparentemente nada, e vão pelo *hip-hop*. Por isso, acontece de, eventualmente, viaturas policiais serem destacadas para oferecer segurança aos participantes do evento, e não para reprimir o uso de drogas, por exemplo, como é comum acontecer em outros momentos. No contexto dessa etnografia, já presenciei a primeira situação acontecer, e nunca a segunda.
- 6 O que, na configuração de uma Roda Cultural, permite que, nela, normalmente, a maconha seja “legalizada” desta forma? Estudos etnográficos recentes (GRILLO; POLICARPO; VERÍSSIMO: 2011) dão conta do quanto isso pode ser especialmente temerário numa cidade como São Gonçalo, onde a tolerância dos policiais com consumidores de drogas é mínima, e “*punições*” arbitrárias aplicadas por policiais acabam sendo, em muitos contextos, naturalizadas (VERÍSSIMO: 2010). Por isso passei a

me interessar especialmente por este fenômeno urbano, em como ele se constitui, como se dá em diferentes contextos a sua configuração, a partir de condicionantes ecológicas, sociológicas e históricas.

- 7 Poucos meses após aquela conversa com os alunos, na qual tive a primeira lição sobre as Rodas Culturais em geral, comecei a empreender uma etnografia que venho fazendo até o momento (ainda incipiente em termos do adensamento das informações), em eventos como estes, nas cidades do Rio de Janeiro, Niterói e São Gonçalo (RJ). Sendo assim, ao focar nas estratégias e moralidades envolvidas na montagem das Rodas Culturais, de seu esforço de institucionalização, bem como nas letras inventadas por esta modalidade de compositores que são os MCs, procuro contribuir para os estudos acerca da regulação, muitas vezes conflituosa, dos comportamentos em espaços públicos. Procuro para isso partir de uma perspectiva da compreensão dos aspectos morais, muito além dos aspectos mais estritamente legais, desta dita “legalização”.
- 8 Este trabalho, portanto, tem por base o que tenho podido observar em duas Rodas Culturais específicas, a saber : a Roda Cultural do Tanque, que acontece todas as noites de quarta-feira, na cidade de São Gonçalo; e a Roda Cultural de Icaraí, todas as noites de terça-feira, na praia de mesmo nome, na cidade de Niterói. Escolhi estas duas porque nelas a “legalização” se faz especialmente mais explícita do que nas outras em que eu tive a oportunidade de realizar trabalho de campo.

2. As Rodas Culturais

- 9 As Rodas de Rima são um tipo de iniciativa relativamente nova no contexto das cidades fluminenses, levadas a cabo por empreendedores culturais atuantes e que têm tido bastante sucesso em promover um canal de expressão, tanto para pessoas que vivem e circulam nas áreas mais nobres e centrais da cidade, como também para aqueles da assim chamada “*região metropolitana*”. Com ampla divulgação na internet, estes programas de eventos são também uma opção de lazer e divertimento para pessoas em fluxos cotidianos, entre a escola e a casa, entre a faculdade e a casa, ou entre o trabalho e a casa etc. Ali se apresentam pessoas em geral com um talento acima do comum para compor versos de improviso, que se expõem naquele que se pode afirmar ser o momento central das Rodas Culturais, que é a Batalha dos MCs (por isso, como já disse, as Rodas Culturais também são chamadas de Rodas de Rima).
- 10 Algumas dessas pessoas, que participam ou não das “batalhas”, projetam carreiras artísticas, como cantores de *hip-hop*, gravam e vendem CDs nestes eventos. O centro a partir do qual gravitam as interações entre as pessoas é um computador portátil acoplado a um amplificador e operado por um *Disk Jokey (DJ)*. Os *Masters of Ceremony (MCs)*, por sua vez, são os letristas, criadores dos chamados *freestyle*, que podem ser letras de improviso ou já ensaiadas. Há também a exibição de dançarinos que são quase malabaristas, realizando a chamada “dança de rua”, também chamada de “*break dance*”. Outro tipo de *personagem* que tem aí seu lugar são os chamados *grafiteiros* – artistas de rua que pintam os muros e outros espaços da cidade com uma arte de traços bem definidos, e uma ambiência visual repleta de referências a cenas urbanas e crítica social. Quando um grafiteiro famoso local ou regionalmente está presente em uma Roda, é saudado por seus organizadores.

- 11 Sendo assim, nas Rodas Culturais que tenho tido a oportunidade de ir, estão presentes aqueles que são considerados os quatro elementos da chamada “cultura hip-hop”, que são o DJ, o MC, a dança de rua e o grafite (MARCON & SOUZA FILHO: 2013). As sonoridades do *hip-hop* são predominantemente eletrônicas, tendo ainda a *soul music*, o *jazz* e o *funk* como matrizes de influência. No Brasil, até mais ou menos os anos 1990, predominava, no senso comum, uma forte associação da “cultura hip-hop” com as marginalidades sociais. O uso deste estilo estético e cultural como ferramenta de conscientização política das chamadas “juventudes” é posterior a este marco, implicando assim, por isso mesmo, o rechaço de antigos estigmas.
- 12 Em “Estilos de vida e atuação política de jovens do hip-hop em Sergipe”, estudo de abordagem antropológica, com uso de observação participante e entrevistas gravadas, Frank Marcon e Florival de Souza Filho descrevem o processo político de conscientização de “jovens” através das letras e da atitude do *hip-hop* (MARCON & SOUZA FILHO: 2013). Segundo estes autores, a articulação dos empreendedores culturais da chamada “cultura hip-hop”, em Aracaju e sua “periferia”, com grupos políticos ligados ao Partido dos Trabalhadores (PT) e do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), que já remonta aos anos 1990, implicou um certo empoderamento nos últimos anos, quando correntes destes partidos passaram a predominar no cenário político e burocrático nacional brasileiro. Isso teria possibilitado um certo protagonismo, do *hip-hop* como política cultural, declaradamente visando ocupar o tempo supostamente ocioso dos “jovens pobres”, sendo também, por isso, política pública de segurança, no contexto de um suposto enfrentamento da “sociedade” contra o “tráfico”.
- 13 No artigo, tomam como foco de estudos as chamadas “posses”, que no caso funcionariam, desde a década de 1990, em Sergipe, como centros culturais, uns mais, outros menos estruturados na burocracia de amparo a políticas culturais do Estado, difundindo a filosofia e os elementos da chamada “cultura hip-hop”. Tudo isso como forma de supostamente politizar os “jovens”. Em São Paulo, segundo estudos citados neste mesmo artigo, também se usa a palavra “posse” para o mesmo fim. Desse modo, podemos entender que o uso do *hip-hop* como política cultural bem sucedida para dar voz a pessoas, em geral, com pouca receptividade nas mídias, por assim dizer, mais tradicionais, acabou tendo uma relativa abrangência no cenário nacional brasileiro das políticas públicas.
- Os jovens ligados a uma *posse* se aproximam estrategicamente de escolas, de organizações não governamentais, de movimentos sociais e de partidos políticos, procurando não apenas a ampliação de suas possibilidades de atuação e novos recursos de ativação política, mas também o reconhecimento e a legitimidade pública de suas ações, como narram alguns de nossos entrevistados. Marcar uma posição conceitual sobre comportamentos sociais ligados à criminalidade, por exemplo, possibilita certa legitimidade social e certa legalidade à *posse*, enquanto organização cultural e política. Ao mesmo tempo, no âmbito local, essa referência de oposição às drogas pode demarcar estrategicamente uma alternativa aos jovens da periferia, que é acionada em torno da ocupação do tempo livre com atividades de lazer e cultura, como estratégia para se afastarem das possibilidades de envolvimento com ações consideradas ilegais ou criminosas. (MARCON & SOUZA FILHO: 2013, p. 516)
- 14 Nunca ouvi falar de “posse” no contexto desta etnografia, mas penso que as Rodas Culturais podem ser interpretadas como uma forma (entre outras) de desdobramento desta configuração de espaços ou situações onde o *hip-hop* entra como elemento de conscientização da “juventude”, como política cultural. Contudo, há diferenças marcantes entre as “posses” e aquilo que se tornou o modelo das Rodas Culturais no Rio de Janeiro e

seu entorno. Por exemplo, se em grande parte do contexto sergipano descrito por Marcon e Souza Filho, toda embriaguez é formalmente coibida no âmbito da “*posse*”, em Rodas Culturais como a do Tanque, em São Gonçalo, e de Icaraí, em Niterói, a maconha é “legalizada”, e na primeira, o mercado de cervejas mobilizado por vendedores ambulantes é super aquecido.

- 15 Outra diferença (que explica em parte a primeira) é que no contexto das “*posses*”, a escola era uma referência, uma legitimadora, enquanto na Roda Cultural, o elemento de legitimação é a rua, é estar na rua, o direito à rua, é a arte de rua etc. Em várias ocasiões, estive presente em Batalhas em que os MCs, para desqualificar o oponente e suas rimas, mandavam-no voltar para a escola. E se entendi bem as possibilidades dessa ironia usada nas rimas, isso não quer dizer só que ele tem que ir aprender a “*batalhar*” na escola (uma vez que – e eles sabem – isso na prática seria impossível), mas principalmente, que o oponente deve ir para a escola e não voltar mais para a Roda, onde o que deve predominar é a rima e a atitude com origem na vivência das ruas.
- 16 Certa vez, numa noite de quarta-feira em que estava dando aula na escola que fica exatamente na frente da Praça onde ocorre a Roda Cultural do Tanque, em São Gonçalo, tive uma surpresa ao ver entrar na sala de aula um destacado MC das Batalhas que eu assistia, e que eu já tinha visto ser o campeão de uma noite. Só então fui saber que o rapaz era aluno daquela turma. Isso em meados do segundo bimestre letivo do ano. Com base no sucesso que ele tinha na Roda e no correspondente insucesso em suas notas nas avaliações escolares, senti que seu investimento principal naquele momento era na Roda, na rua, não na escola. Para se inscrever a tempo de participar da Batalha de MCs, não poderia ir para a aula às quartas-feiras, e sim direto para a praça, para a rua, para aquela que muitos que dela participam pensam ser semelhante a uma *ágora*.
- 17 No artigo de Marcon e Souza Filho, há o registro de Batalhas de MCs nas “*posses*”, em 2011 (não antes disso), e os autores, entre outras coisas, interpretam-nas naquele caso, como uma atualização associada à cultura dos duelos entre repentistas, tradição no nordeste brasileiro. Mais ou menos na mesma época esta inovação parecia estar ocorrendo em cenários locais diversos no país, impulsionada pelo compartilhamento de filmagens e experiências através de meios eletrônicos utilizados para comunicação pessoal. E, como já foi dito, o ponto central disso que é a Roda Cultural tal qual me tem sido dado conhecer, é a Batalha de MCs, ou Batalha de Rima. São competições entre dois MCs por vez, na forma de um torneio, onde o campeão da noite é declarado após vencer todas as “*batalhas*” até a Final, derrotando um a um seus oponentes. Quem escolhe o vencedor de cada “*batalha*” são as pessoas ao redor (público), que formam uma verdadeira plateia, em forma de roda. Há Rodas com cem, outras com quinhentas ou mais pessoas. O público e os MCs circulam por Rodas diferentes de uma mesma região (circuito mais ampliado para uns do que para outros).
- 18 Deixo para tratar mais detidamente das Batalhas na próxima seção. Neste momento, detenho-me nas respectivas configurações das duas Rodas nas quais este trabalho se baseia. Isso porque pretendo partir de formas particulares, locais, de constituição desta “legalização” da maconha, que são as Rodas, empreendimentos culturais onde as Batalhas acontecem. Dessa maneira, como ensinou Clifford Geertz, aprendemos mais procurando entender as variações e contrastes entre as culturas e os saberes, do que com o esforço de realizar generalizações.

(...) Precisamos, no final, algo mais que saber local. Precisamos descobrir uma maneira de fazer com que as várias manifestações desse saber se transformem em

comentários umas das outras, uma iluminando o que a outra obscurece. (GEERTZ: 2003, 353)

- 19 A Roda Cultural do Tanque acontece na Praça dos Ex-Combatentes, no bairro chamado Paraíso, um dos mais valorizados da cidade de São Gonçalo. Com cerca de 180 metros de extensão por uns 20 metros de largura sobre uma das vias mais movimentadas da cidade, esta praça homenageia os militares brasileiros veteranos da II Guerra Mundial. Entre as relíquias daqueles tempos, está um tanque de guerra usado pela Força Expedicionária Brasileira no conflito. Daí vem o nome da Roda do Tanque. Na frente da praça, estão o Colégio Estadual Walter Orlandini e a Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP-UERJ). Na parte de trás da praça, há uma área um tanto indefinida, às vezes mais, às vezes menos cuidada pela municipalidade, onde há décadas passava uma linha férrea que cortava a cidade, ligando-a a municípios vizinhos. Imediatamente após o traçado da antiga linha do trem corre uma rua que é fechada ao trânsito todas as manhãs e tardes, para funcionar como área de lazer e prática de esportes. Esta rua é conhecida como Rua da Caminhada.
- 20 O tanque, canhão, hélice e outros artefatos de guerra que compõem o cenário da praça ficam dispostos ao longo de sua extensão, no meio de sua largura, de modo que temos a parte da frente da praça (que fica defronte à escola e à UERJ, “na frente do tanque”), e a parte de trás da praça (limítrofe com a antiga linha férrea, “atrás do tanque”). Na frente, a praça é nivelada com a rua. Atrás, o terreno da antiga linha do trem é cerca de dois metros e meio mais baixo que a praça, e a Rua da Caminhada é outro tanto mais baixa que o terreno da linha do trem. Além disso, há pequenas árvores plantadas em linha nos limites da parte de trás da praça. Desse modo, um lugar que ficou conhecido aí como “atrás do tanque” acabou oferecendo um ambiente propício para o uso não “explorado” da maconha, isso antes mesmo de existir a Roda Cultural do Tanque.
- 21 Como me disse o principal organizador deste evento, no início a Roda funcionava no SESC São Gonçalo. Mas depois perderam o apoio e tiveram que ir para a rua, ocupar uma praça. Escolheram então a Praça dos Ex-Combatentes, um lugar que, diferentemente do que ocorre com outras praças desta cidade, a prefeitura não envolveu com grades de aço. Por ali passam muitas pessoas, da faculdade, da escola etc. Na praça, já havia o “atrás do tanque”, onde muitos *maconheiros* se encontravam para fumar em relativa segurança. Muitos dos adeptos da “cultura hip-hop” são também adeptos do consumo de maconha, e por isso já conheciam aquele lugar. Com o passar do tempo e com a regularidade semanal deste encontro, a Roda Cultural do Tanque foi se tornando um evento cada vez maior, e contando com a forte adesão dos alunos da escola e das pessoas que moram no entorno, ou mesmo em lugares mais distantes, da praça.
- 22 Desse modo, esta opção cultural se consolida e, ao mesmo tempo, transforma um lugar de se esconder para fumar maconha em um lugar onde, ao menos nas horas em que a Roda acontece, a maconha é “legalizada”. Mas isso não acontece sem que os grupos que organizam e participam do evento tenham que inventar regras e mecanismos de autorregulação dos próprios comportamentos. Assim, enquanto a atração principal, a Batalha de MCs, acontece em uma parte mais visível e iluminada da praça, dezenas de rodas de fumo são formadas “atrás do tanque”, onde as pessoas realizam este consumo proibido sob a proteção da penumbra, do tanque, das árvores, enfim, de uma posição privilegiada, mas principalmente da Roda Cultural.
- 23 Certa vez, um dos organizadores do evento, um dos que coordenam a Batalha dos MCs, no intervalo entre uma Batalha e outra, fez uso do microfone e falou bem alto o seguinte:

“Alí... pra galera que fica marfu¹ aqui na frente, ó... vai lá pra trás do tanque, faz isso na moral. Aqui na frente não é lugar de fazer isso, tem criança, tem gente que não fuma... e isso vai acabar trazendo problema para a nossa Roda”. E as pessoas entenderam a mensagem e seguiram sua sugestão. Desse modo, se procura regular (na moralidade), com relativo sucesso, a “legalização” que a Roda Cultural constituiu (na prática).

- 24 Nosso outro exemplo de Roda Cultural com a maconha “legalizada” é a de Icaraí, que acontece em um trecho do calçadão da praia e no trecho de areia junto a este. No início, esta Roda acontecia na Praça Getúlio Vargas, que fica em frente ao antigo Cinema Icaraí (hoje desativado), e muito próxima do prédio da Reitoria da Universidade Federal Fluminense (UFF). Esta praça é cercada com grades, e no mês de maio de 2014, a Guarda Municipal de Niterói passou a, nas terças-feiras, fechar a praça mais cedo para – segundo a interpretação dos seus organizadores – atrapalhar a Roda Cultural. Foi então que esta teve que se mudar para o calçadão, para isso tendo apenas que atravessar a rua.
- 25 Desse modo, a localização exata da Roda Cultural de Icaraí é junto a um Destacamento de Policiamento Ostensivo (DPO) da Polícia Militar, mas que se encontra atualmente desativado, ficando apenas sua estrutura de vidro e metal fechada o tempo todo, sem policiais. Os equipamentos de som da Roda ficam junto ao DPO, alimentando-se de suas ligações elétricas, no calçadão, junto à areia da praia. E a realidade é que, antes de haver ali a Roda Cultural de Icaraí, este trecho da areia já era um ponto para o qual *maconheiros* de muitas gerações iam com o intuito de fumarem em relativa segurança. Isso porque, deste trecho da areia é possível ver a aproximação de policiais muito antes que cheguem perto, a tempo de se evadir com relativa tranquilidade do local, ou eliminar as provas do delito.
- 26 Desse modo, o aspecto ecológico é um dos fatores mais importantes para a construção da “legalização” da maconha nas Rodas Culturais. Em um caso, o da Roda do Tanque, a própria arquitetura da praça, como tentei demonstrar, favorece os usos sempre clandestinos da maconha durante os eventos. No outro caso, o da Roda de Icaraí, a disposição da praia, suas curvas, sua larga faixa de areia, é que funcionam como uma formação natural propícia para tais usos. No caso de Icaraí, há também, como já disse, o fato de ali na areia já ser um lugar historicamente relacionado a rodas de fumo. Na comparação com as outras Rodas Culturais observadas no âmbito desta etnografia, a importância desse elemento natural para a “legalização” fica ainda mais evidente.
- 27 Por exemplo, na Roda Cultural da Praça da Trindade, em São Gonçalo, não há interstícios onde o uso da maconha possa se fazer minimamente discreto, uma vez que a praça é circular, e no seu entorno se localizam diversos bares e vendedores ambulantes que atraem milhares de pessoas todos os dias, muitas vezes famílias inteiras que vão ali comer ou beber um pouco. É, como se costuma dizer, uma praça demasiadamente “familiar” para que possa haver ali, tranquilamente, o consumo de maconha. Não há lugar para se fumar estando na Roda. Na Roda Cultural do Bairro de Fátima, no Rio de Janeiro, por sua vez, além de a natureza também não favorecer, o fato de a praça na qual esta acontece ficar localizada em um “bairro onde moram muitos policiais” – como me disse um morador – é um impedimento bastante considerável para o consumo aberto de maconha na Roda.
- 28 Por isso é que, para que um evento como a Roda Cultural se faça “legalizado”, é preciso atentar para estes condicionantes, de caráter ecológico, histórico e sociológico. É preciso ter um ambiente propício. Nos casos do Tanque e de Icaraí, as Rodas, em alguma medida, fizeram “legalizar” o que antes já havia, mas era relativamente escondido. E se assim o fazem, buscam tornar verossímil um conjunto de legitimações que se escoram umas nas

outras: que o uso da maconha faz parte da cultura de rua do *hip-hop*; e que não se deve criminalizar expressões culturais. Mas para isso precisam acionar também uma moralidade interna para divergir da Lei de maneira segura.

- 29 Sugiro que pensemos agora naquele que eu já disse ser o ponto central, que atrai muitas pessoas para as Rodas Culturais, que são as Batalhas onde os MCs se enfrentam pelo posto de campeão da noite. Isso porque são também ocasiões privilegiadas para compreender, através das rimas improvisadas, como se constitui esta moralidade a qual me referi.

3. A Batalha de MCs

- 30 Para haver Batalha na Roda, é preciso que haja, antes de tudo, oito MCs dispostos a se enfrentarem mutuamente em disputas nas quais precisarão demonstrar habilidade em rimar de improviso, como também uma boa dose de virulência para atacar os adversários com palavras que, quanto mais ofensivas, mais o qualificam para ser o vencedor. Assim que os organizadores da Roda Cultural têm oito nomes inscritos, encerram-se as inscrições e se pode começar a Batalha dos MCs. Há sempre um prêmio para o campeão da noite. O mais comum é uma camisa de malha de alguma grife associada à chamada “cultura *hip-hop*”. Mas pode ser também um boné. Certa vez, o vencedor da Roda Cultural do Tanque ganhou como prêmio uma tatuagem no valor de 500 reais.
- 31 Mas não é só o prêmio que torna a Roda competitiva. À medida que vai vencendo batalhas, o MC vai ganhando mais confiança, sua fama e prestígio como *raper* aumentam, e isso é o que muitos ali desejam: serem reconhecidos como artistas, como artistas de rua. Nas letras que inventam nas batalhas, isso aparece com muita força. Sendo assim, a Roda Cultural - e mais especificamente, a Batalha de MCs - se constitui como um momento onde estas pessoas buscam uma autoafirmação perante os outros (os amigos, os colegas de escola, ou, mais genericamente, “a sociedade”, “a comunidade”). Farão isso com sucesso na medida em que se aproximarem da perfeição na complexa arte do improviso. Muitas vezes as disputas são acirradas, e revelam-se aí verdadeiros talentos.
- 32 No momento em que acham oportuno, os organizadores da Roda chamam as pessoas para junto do som, bem como os competidores inscritos para participar das Batalhas. Os nomes dos oito inscritos daquele dia neste momento já estão marcados em pedaços de papel dobrados em um saco plástico. Esta função de coordenar, mediar, e ser juiz (quando preciso), geralmente é executada por duas pessoas, de maneira dinâmica e interativa. Chamemos aqui a este trabalho de mediação, e às pessoas que fazem isso, de mediadores. Com o pacote contendo os nomes na mão, um dos mediadores pede que alguém da plateia tire um nome, e depois pede a outra que sorteie outro. Então eles anunciam o emparelhamento e solicitam que os oponentes se aproximem.
- 33 As regras básicas das Batalhas são as seguintes: primeiro os MCs decidem no “*par ou ímpar*” quem começa a Batalha. O vencedor do “*par ou ímpar*” tem o direito de decidir se ele ou o outro inicia. Cada *confronto* tem no mínimo dois “*rounds*”, onde, no primeiro, um MC começa com 45 segundos para compor suas rimas sobre uma base musical e, logo em seguida, o outro tem 45 segundos de “*direito de resposta*”. Após isso, este que *respondeu* continua com o microfone, e sem interrupção, inicia-se o segundo “*round*”. Depois, aquele que iniciou a primeira etapa terá, por sua vez, seus 45 segundos de “*direito de resposta*”. A cada intervalo igual o DJ muda a base musical sobre a qual o MC improvisa sua rima, o que é muito importante para os oponentes e a plateia saberem, por exemplo, quando termina

- o “direito de resposta” de um MC, e se inicia, por ele mesmo, o “segundo round”. Gostaria de salientar que “round” e “direito de resposta” são categorias nativas.
- 34 Ao fim destas duas etapas, quando cada competidor iniciou um “round” e teve um “direito de resposta”, os mediadores convidam a plateia para participar da escolha do vencedor daquela Batalha. E é aí que entra outra categoria nativa estruturante deste jogo, que é o “barulho”. É este que vai determinar quem vence e quem sai derrotado. Funciona quase sempre assim: o mediador, com o microfone na mão, começa da seguinte maneira: “Quem gostou dessa batalha faz barulho”. E a plateia responde, com maior ou menor entusiasmo, “Êêêêêêhhhhhhhhhh...”. E em seguida: “Faz barulho quem achou melhor o MC Cabeça”. E a plateia faz o “barulho”. Depois: “Faz barulho quem achou melhor o MC Orelha”. E a plateia faz o “barulho”. Ganha o confronto aquele que obtiver da plateia o “barulho” mais intenso.
- 35 E assim sucessivamente, vão saindo os nomes nos papéis dobrados no saco, e os emparelhamentos posteriores vão se fazendo. O vencedor da primeira Batalha disputa a “semifinal” com o vencedor da segunda. O vencedor da terceira faz a outra “semifinal” com o vencedor da quarta. Assim, já foram os oito inicialmente inscritos. E os respectivos vencedores fazem a final, de onde sai o campeão da Roda naquela noite.
- 36 Uma coisa que eu logo notei a respeito desta forma de decidir uma disputa a partir da manifestação da plateia que acompanha as Batalhas, foi que o vencedor não é aquele que consegue agradar mais pessoas que o outro, e que por isso teria mais gente para fazer “barulho” em seu favor. O vencedor é aquele que obtiver o “barulho” mais alto em termo de decibéis. E todos os que, da plateia, fazem barulho, o fazem para os dois MCs em disputa, fazendo deliberadamente um barulho menor para um e mais alto para o outro. Sendo assim, o que importa não é a capacidade de obter a maior soma de “barulhos” individuais, e sim a de conquistar o relativo consenso na totalidade da Roda, para que ela decida, de maneira coordenada e o mais consensual possível, a seu favor.
- 37 Quando isso não acontece após, no mínimo, três tentativas, os mediadores dizem então: “Barulho pra quem quer o terceiro round”. E as pessoas se manifestam: “Êêêêêêhhhhhhhhhh...”. E aquele que terminou com seu “direito de resposta” o “segundo round” inicia o terceiro. Mais 45 segundos para que cada um possa desenvolver sua rima. Ao fim, os mediadores solicitam novamente que o público decida o vencedor através do “barulho”. Uma vez apenas, presenciei um caso no qual, após o “terceiro round”, não era possível ainda definir para quem pendia a preferência da Roda. Realmente, fora uma batalha de alto nível por parte dos dois oponentes. O jeito encontrado para decidir foi solicitando para que as pessoas levantassem seus braços para que contassem quem foi o melhor. Placar final: 65 a 57.
- 38 Mas o que faz com que as pessoas prefiram um dos oponentes? Quais seriam os critérios de julgamento? Certamente que a capacidade de improvisar versos com rima e métrica é um critério, mas, nesse caso, um critério que, como pude observar, fica em segundo plano. O que decide realmente uma batalha em favor de um determinado MC é a capacidade de ser virulento e cruel com seu oponente, de dizer coisas que vão constranger e ofender, de mandá-lo para a escola, dizer que ele é feio, veste-se mal, cheira mal, parece-se com algum animal ou personagem de desenhos animados, entre outras “maldades”. No decorrer da batalha, à medida que um MC vai dizendo coisas que são terríveis, a plateia se manifesta, fazendo “Uôôôôôôuuuuuuu!!!!”. Isso é um sinal de aprovação.
- 39 E quanto menos politicamente correto for o conteúdo dos improvisos, melhor. Certa vez, uma garota entrou na disputa (neste meio onde predominam os rapazes), e justamente

com um dos mais bem sucedidos MCs da Roda Cultural do Tanque. Ela ganhou o “*par ou ímpar*” e decidiu que seu oponente começava. E este começou com galanteios, um tanto machistas, dizendo que ela era bonita, e que por isso não deveria estar “*batalhando*” contra ele, e sim que deveria ser sua namorada. Muito pouca virulência. Quando ela fez uso do “*direito de resposta*”, explorou o machismo na fala do outro, e procurou ridicularizá-lo, dizendo que ele era feio (“*Uôôôôôôôôuuuuuu!!!!*”), que tinha mau-hálito (“*Uôôôôôôôôuuuuuu!!!!*”), que sua rima era fraca e não iria vencê-la, nem tão pouco conquistá-la (“*Uôôôôôôôôuuuuuu!!!!*”). Iniciou o “*segundo round*” no mesmo estilo, esganiçando a voz e sendo muito agressiva. Depois o oponente teve o seu “*direito de resposta*”, e aí, ao contrário do que fizera no “*primeiro round*”, atacou sem piedade a MC. Disse que ela (que ele havia chamado de bonita) era “*mais feia que o capeta*” (“*Uôôôôôôôôuuuuuu!!!!*”), usava muito creme nos cabelos, que eram “*duros*” (“*Uôôôôôôôôuuuuuu!!!!*”), e que ela não servia nem para lavar o banheiro de sua casa (“*Uôôôôôôôôuuuuuu!!!!*”). Ele saiu vencedor nesta Batalha.

- 40 Semanas depois, só que desta vez na Roda Cultural de Icaraí, esta mesma MC se apresentou para a Batalha. Dessa vez, caiu no sorteio com outro talentosíssimo MC, que na ocasião andava com o auxílio de muletas e tinha pinos de metal em uma das pernas algum tempo após sofrer acidente de motocicleta. Ela ganhou novamente o “*par ou ímpar*” e disse para o outro começar. Ele disse: “*Não... primeiro as damas*”. E ela respondeu: “*Não... primeiro os aleijados*” (“*Uôôôôôôôôuuuuuu!!!!*” – dessa vez, antes mesmo de começar a Batalha propriamente dita). Então, o outro MC começou com toda a virulência, dizendo que ela tinha os dentes amarelos (“*Uôôôôôôôôuuuuuu!!!!*”), que era muito feia e que o seu piercing no nariz a tornava ainda mais feia (“*Uôôôôôôôôuuuuuu!!!!*”). Tudo isso rimando. Na vez dela, o MC foi chamado de “*deficiente*”, feio, e que seria “*atropelado*” pela rima que ela fazia. Mas ao final, ele venceu.
- 41 “*Sangue... sangue... sangue... sangue... sangue...*”. assim, a plateia estimula os MCs para que tratem com o máximo de crueldade seus oponentes, para que metaforicamente tirem sangue deles. Quando a Batalha, por algum motivo, não apresenta o nível de virulência considerado ideal, os mediadores interrompem e, fazendo uso do microfone, perguntam para a platéia: “*Vocês querem ver o quê?*”. E as pessoas respondem: “*Sangue!*”. E repetem isso mais de um par de vezes. Após isso, dirigem-se para os oponentes e dizem coisas do tipo: “*Vombora... isso aqui é uma Batalha de sangue... a galera quer ver sangue*”. E mesmo que isso possa significar o sacrifício do apuro na rima, o mais importante é sempre ridicularizar o adversário.
- 42 Mas nem tudo pode ser dito nas Batalhas. E cada uma tem suas regras e interdições bem marcadas. Na Roda Cultural de Icaraí, por exemplo, não se pode, para nos expressarmos em termos nativos, haver “*pederastia*”. Ou seja, fica interdito que, nas disputas, os MCs levantem questões sobre a sexualidade do oponente, ou diga que ele é dado a atos sexuais com outros homens etc. Pude ver ali um MC ser desclassificado na hora por ter feito isso, dizendo (na rima) que seu adversário fizera sexo oral com outro homem. Os mediadores interromperam a Batalha, desclassificaram-no, chamaram sua atenção duramente, e declararam o outro vencedor daquele *embate*. Na Roda Cultural do Tanque, por sua vez, uma das mais *liberais* que eu conheci em termos de regras, não se pode – e esta é a única interdição que há ali – ofender a mãe e da irmã do outro.
- 43 “*Máximo respeito!*”. Com estas palavras, quase todos os MCs iniciam suas performances. E não só iniciam, como também incluem a expressão no fluxo das rimas. Não só os MCs dizem “*Máximo respeito!*” o tempo todo, como também os mediadores e todas as demais

pessoas ligadas à chamada “cultura hip-hop” que fazem uso dos microfones durante uma Roda Cultural. Afirimo, com base nesta etnografia, que o “Máximo respeito” é a fórmula mais repetida em ocasiões como esta. Por conta disso, uma pergunta que fiquei me fazendo desde que comecei a frequentar as Rodas Culturais foi: porque as pessoas declaram tanto respeito enquanto a regra do jogo é se “desrespeitarem” abertamente?

- 44 Na hora das Batalhas, com a plateia pedindo “sangue”, ataques verbais violentos fazem parte. Afinal, é preciso mais do que tudo desmoralizar publicamente o oponente. Enquanto fazem isso, o tempo todo introduzem um “Máximo respeito!”, entre outras coisas, lembrando que aquilo é só uma competição. Em uma interpretação que corre o risco de enveredar por metáforas com a mecânica, eu diria que o “Máximo respeito!” funciona também como um lubrificante no meio das fricções entre egos que buscam se desmoralizar mutuamente dentro do jogo, permitindo que ao final, como acontece sempre, os dois se abracem – demonstrando, na maioria das vezes, sinceridade. Muitas batalhas ocorrem entre amigos, que compartilham o gosto pela atitude e a estética do hip-hop. Nunca vi uma briga em Roda Cultural.
- 45 Na ocasião, já descrita acima, em que o organizador da Roda Cultural do Tanque chamou a atenção das pessoas que fumavam maconha abertamente na parte da frente da praça, o “Máximo respeito!” apareceu mais do que tudo em sua fala. Falou que a praça era aberta e que poderia haver crianças, ou mesmo pais dos MCs que foram *duelar*, por isso, conforme as palavras que usou, “a galera tem que respeitar”. Ou seja, para “legalizar” a maconha, é preciso que os *maconheiros* façam também a sua parte, que é mantendo o respeito com aqueles que não são *maconheiros*. Afinal, enquanto houver Roda Cultural, os adeptos do consumo de maconha já têm o espaço “atrás do tanque” para sociabilizar em rodas de fumo com os amigos. E desde que façam isso sem incomodar ou escandalizar ninguém, provavelmente não irão atrair a atenção da Polícia em um evento que tem o caráter cultural. Portanto, terão forçosamente que se comportar com respeito e parcimônia para continuarem fazendo o que fazem.

4. A “legalização” da maconha

- 46 A Marcha da Maconha da cidade de São Gonçalo aconteceu pela primeira vez no ano de 2013. Sua concentração foi marcada para um domingo do mês de maio, justamente na Praça dos Ex-Combatentes, onde acontece a Roda Cultural do Tanque às quartas-feiras. Às 16:20, horário marcado para seu início, ninguém marchou, e uma fotografia com cerca de vinte pessoas segurando o cartaz da I Marcha da Maconha de São Gonçalo ficou sendo seu registro para a posteridade. Já no ano seguinte, os organizadores da Marcha da Maconha de São Gonçalo marcaram-na para uma quarta-feira, dia da Roda Cultural do Tanque. Desde o ano de 2011 que venho fazendo etnografia nas marchas da maconha do estado do Rio de Janeiro, e com base nisso afirmo que esta foi a única marcha marcada para um dia da semana, que não aconteceu em um sábado, domingo ou feriado.
- 47 Quando soube que seria assim, fui perguntar ao principal organizador da Roda Cultural do Tanque sobre os preparativos, supondo inclusive que ele estivesse participando da organização da marcha. Isso porque o plano era concentrar-se e sair da Praça Zé Garoto, no centro da cidade, e fazer um trajeto de cerca de dois quilômetros e meio até a Praça dos Ex-Combatentes, definida nesta edição da marcha não como o ponto de partida, mas como ponto de chegada. Uma chegada que certamente coincidiria com a Roda.

- 48 Para meu estranhamento, meu interlocutor não apenas disse que não participava da organização da marcha, como também estava bastante insatisfeito com o rumo dos acontecimentos. Segundo me disse, não havia sido consultado, ou mesmo avisado, de que a Roda e a marcha coincidiriam. Isso, uma semana antes da marcha. Do seu ponto de vista, preferia que não houvesse marcha alguma ali na quarta-feira, já que, segundo suas próprias palavras, *“fica muito pixado, muito explanado”*, enfim, isso não interessaria para a Roda Cultural.
- 49 Contudo, a Marcha da Maconha de São Gonçalo, em 2014, aconteceu e foi um sucesso, sobretudo quando comparada à edição do ano anterior, que nem sequer saiu do lugar. Cerca de cem pessoas caminharam e batucaram nas ruas mais movimentadas da cidade, num começo de noite de um dia de semana, gritando as palavras de ordem das marchas da maconha, tais como *“Ei, polícia... maconha é uma delícia”*, *“Ei, maconha... polícia é uma vergonha”* e *“Um, dois, três, quatro, cinco, mil... vamos legalizar a maconha no Brasil”*. Um dos advogados do movimento das marchas da maconha no estado do Rio de Janeiro, refletindo sobre o número de participantes, pequeno, mas não para os padrões de uma cidade como São Gonçalo, me dizia: *“Olha aí... tem uns cenzinho aqui... cenzinho... em São Gonçalo... nego aqui tem medo de botar a cara... um daqui vale o mesmo que cem em Ipanema. Faz a conta aí... quanto dá? Dez mil! É como se fossem dez mil, cara!”*.
- 50 Ou seja, parece que a organização da marcha em São Gonçalo acertou em cheio na estratégia, mostrando em que medida as especificidades do *local* precisam sempre ser lidas, entendidas e trabalhadas. Em São Gonçalo, mais vale fazer uma marcha em pleno dia de semana e envolvendo a Roda Cultural, do que em um domingo em que as pessoas não comparecem e quase não há gente nas ruas para vê-la. Mesmo que, como foi o caso, os organizadores da Roda não tenham sido avisados. Sendo assim, ao “legalizar” a maconha, a Roda Cultural do Tanque acabou fazendo parte das estratégias daqueles ativistas que trabalham por uma legalização da maconha em termos literais.
- 51 E se assim acontece, me parece que é porque as Rodas Culturais e as Batalhas de MCs se estruturam a partir de uma moralidade fundada no respeito, para que todos possam competir por espaço e prestígio em condição de igualdade, a partir de regras consensualizadas e válidas para todos. Para aqueles que convivem nesta “*ágora*” contemporânea e também gostam de ali consumir maconha, o “*Máximo respeito!*” também é a etiqueta que o permite divergir da Lei e não ser sancionado, de estar, conforme se entende isso no contexto, “legalizado”.

5. Considerações Finais

- 52 Estudar este interessantíssimo fenômeno urbano contemporâneo que são as Rodas Culturais no Rio de Janeiro e sua “periferia”, bem como as Batalhas de MCs que em seu âmbito ocorrem, é também uma maneira promissora de subsidiar a compreensão mais ampla e aprofundada dos dilemas sociais que aí se apresentam. No presente trabalho, procurei me concentrar apenas em suas possíveis relações com processos de legitimação moral do consumo de drogas ilícitas em espaços públicos. Muitos outros recortes podem ser feitos. Há muito que se estudar nas Rodas Culturais e nas Batalhas de MCs, sobretudo porque existem na empiria de forma relacionada entre si, mas são muito heterogêneas quando postas em contraste.

- 53 Trata-se sobretudo de maneiras particulares de se atualizar o *hip-hop* e outros valores estéticos e culturais com origem nos Estados Unidos, em meados do século passado, fazendo releituras originais de tais filosofias. Nesse caso brasileiro e carioca, para reivindicar direitos e liberdades num contexto onde, dado o feitio predominantemente hierárquico na cultura e na sociedade (DA MATTA: 1979, KANT DE LIMA: 2008), direitos e liberdades são muito desigualmente distribuídos. Ou seja, transpor ideias nascidas em um modelo de sociedade individualista e igualitária para aplicá-las como princípios em uma realidade social estruturada por lógicas pessoalistas e desigualadoras. A transposição, obviamente, não é nada automática ou simples. Pretendo continuar acompanhando como isso vai sendo feito em diferentes Rodas Culturais no estado do Rio de Janeiro, bem como as dificuldades que irão enfrentando.
- 54 Para aqueles que se interessam pelo estudo de políticas culturais e políticas públicas de segurança, estes empreendimentos podem ser um campo fértil para suas indagações. Principalmente por propiciarem descrições e interpretações de dinâmicas sociais nas quais valores arraigados são ressignificados, invertidos, em um contexto onde os conflitos são explicitados, encenados e satisfatoriamente administrados. Novos ativismos e protagonismos acabam sendo forjados, propiciando ao antropólogo uma leitura sobre como moralidades se constituem e, quando necessário, conflitando com determinadas legalidades.
-

BIBLIOGRAFIA

6. Referências Bibliográficas

GEERTZ, Clifford. *O Saber Local: novos ensaios de antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GRILLO, Carolina; POLICARPO, Frederico; VERÍSSIMO, Marcos. *A Dura e o Desenrolo: efeitos práticos da Nova Lei de Drogas no Rio de Janeiro*. In: *Revista de Sociologia e Política – dossiê Crime, Segurança e Instituições Estatais: problemas e perspectivas*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2011.

KANT DE LIMA, Roberto. *Ensaio de Antropologia e Direito*. Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2008.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. “O significado do botequim”. In *Cidades, usos e abusos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.

MARCON, Frank & SOUZA FILHO, Florival de. *Estilos de vida e atuação política de jovens do hip-hop em Sergipe*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2013. Vol. 56 N°2.

MARCONDES, Danilo. *Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

POLICARPO, Frederico. Os discursos acerca das drogas e os idiomas experienciais dos consumidores na cidade do Rio de Janeiro: apontamentos sobre a continuidade e descontinuidade no consumo de drogas. *Cuadernos de Antropología Social*, Buenos Aires, UBA, 2010. N° 31.

VERÍSSIMO, Marcos. A Nova Lei de Drogas e seus dilemas: apontamentos para o estudo das formas de desigualdade presentes nos interstícios do ordenamento jurídico-penal brasileiro. *In: Civitas: Revista de Ciências Sociais – dossiê Conflitualidade social e acesso à justiça*. Porto Alegre: volume 10-número 2 (maio-agosto), 2010.

NOTAS

1. “Marfu”, quer dizer fumar maconha, através de uma forma de anagrama que acaba, por vezes, sendo um código para se falar de hábitos clandestinos perto de pessoas não adeptas (“mar – fu” = “fu – mar”).

RESUMOS

O objetivo deste trabalho é descrever alguns aspectos da atualização da chamada “cultura hip-hop” no Rio de Janeiro e sua região metropolitana através dos eventos aí conhecidos como Rodas Culturais. O autor, apoiado por uma bolsa do Programa Nacional de Pós-Doutorado da CAPES (intitulado “O Aprendizado das Práticas Jurídicas”), há cerca de um ano empreende etnografia nestes espaços. Em algumas Rodas Culturais específicas, o uso da maconha (*Cannabis sativa L.*), embora proibido pela lei, ocorre com alguma tolerância por parte das forças policiais. Ao mesmo tempo, os consumidores de maconha e os empreendedores culturais que realizam os eventos constroem e difundem uma moralidade, etiquetas e práticas que visam sua reprodução como artistas e, eventualmente, consumidores de maconha. O ajuste é fino e sofisticado o bastante para permitir que ocupem o espaço público, se institucionalizem e propiciem a oportunidade de empreendermos estudos sobre as fronteiras sempre difusas entre o legal e o ilegal, o moral e o imoral etc.

The purpose of this paper is to describe some update aspects call "hip hop culture" in Rio de Janeiro and its metropolitan area through the events there known as "Rodas Culturais". The author, supported by a grant from the National Program of CAPES Postdoctoral (titled "Learning of Legal Practice"), undertakes ethnography in these spaces in last year. In some specific “Rodas Culturais”, the use of marijuana (*Cannabis sativa L.*), although prohibited by law, occurs with some tolerance on the part of the police. At the same time, consumers of marijuana and cultural entrepreneurs who perform the events construct and disseminate a morality and practices aimed at its reproduction as artists and eventually marijuana consumers. The fit is slim and sophisticated enough to allow occupy the public space, institutionalize and provide the opportunity to undertake studies on the always diffuse boundaries between legal and illegal, the moral and the immoral etc.

ÍNDICE

Palavras-chave: Cultura Hip-Hop, Antropologia, Políticas Culturais, Lei, Moral

Keywords: Hip-Hop Culture, Anthropology, Cultural Policy, Law, Moral

AUTOR

MARCOS VERÍSSIMO

Doutor em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado da CAPES. Pesquisador associado ao Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT-InEAC). Professor de sociologia e filosofia na rede estadual de ensino do Rio de Janeiro.

E-mail : maverissimo.silva@gmail.com